

Cátedra Unesco de Comunicação e Desenvolvimento/Universidade Metodista de São Paulo
X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial
Universidade Paulista, SP, 27/8/2015

Leituras: Do Tarô à Religiosidade Nossa de Cada Dia¹

Kelma Amabile Mazziero de SOUZA²
Maria Tereza Mazziero de SOUZA³

Trabalho que visa compreender a identificação individual no contexto religioso no contexto imagético. Assim, podemos contribuir com os estudos em que se busca distinguir a percepção da imagem de quem as observa, expandindo significados representativos e permitindo que haja compreensão do religioso, com base na própria experiência. A partir do momento que alguém se apropria de sua capacidade e determina (a partir da própria identificação com os símbolos e ícones) qual a religião ou caminho espiritual deve seguir, abandona a ideia de que a imagem tem, para todos, o mesmo sentido. A experiência de identificação, portanto, é o diferencial para a compreensão da espiritualidade. O trabalho tem como objetivo central compreender que, na experiência estética de um indivíduo também acontece a produção dos sentidos no aspecto religioso. Tendo em vista que a leitura de tarô não consiste em uma prática religiosa (mas que pode, para alguns, estar relacionada à manifestação da religiosidade), foi realizada uma análise de discurso sobre duas imagens: a da carta de tarô, A Papisa (Anciet Tarot) e a da imagem de Nossa Senhora das Graças. Para aplicarmos a metodologia, nos valem dos autores Eliseo Verón e Dominique Maingueneau; e para que pudéssemos discorrer sobre a experiência estética e produção de sentidos, a autora Maria Teresa Cruz. A partir disso, traçamos um paralelo entre algumas das possíveis interpretações sobre as imagens e a influência que esse tipo de leitura pode ter na atribuição de conceitos no âmbito da religiosidade.

¹ Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

² Pós graduanda em Ciência da Religião, pela UNIANDRADE. É bacharel em Direito, pelas Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo. E-mail: kelmamazziero@gmail.com.

³ Mestra em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo (2015). Licenciada em Letras, pelas Faculdades Integradas de Jaú (2005) e em Educação Musical, pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru (2010). E-mail: mariaterizamazziero@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE: Tarô; experiência estética; produção de sentidos; imagem; religião

Introdução

A relação do indivíduo com suas imagens religiosas está na identificação, processo que não se realiza com a figura em si, mas com o que esta representa e de acordo com o valor atribuído pelo observador. Essa interação promove o estabelecimento de relações que permitem com que o observador se identifique ao objeto. Ao interagir com símbolos ou ícones religiosos, o indivíduo, a partir de sua própria percepção e conhecimentos intrínsecos, trava com o objeto uma ligação com base em semelhanças e/ou divergências. Isso fomenta uma interação na qual a visualização é capaz de promover reações peculiares. Embora haja a influência do coletivo, a experiência é singular para cada um e nunca é idêntica, pois a apropriação da mesma tem relação com a formação do ser e na sua história, que é única.

Portanto, os símbolos, os ritos, os rituais e os atos estão ligados num mundo de vivência humana, mas apontam para além de si mesmos, para aquela força transcendente, imanente; os ritos e os símbolos levam à percepção da identidade individual com o absoluto. A identidade com o transcendente é a essência do ser. (CAMPBELL, 2004, pág. 82).

Embora cada cultura possua seus próprios significados é possível notar que alguns símbolos ou imagens, ainda que pareçam distintos, carregam em si mensagens similares. Na religião (e nos mais diversos círculos espirituais) é possível encontrar reflexos que comprovam a projeção de um símbolo e/ou imagem.

Um objeto em si não possui um manual em que institua e faça perpetuar o seu significado. Tudo depende do olhar daquele que interage, com base no seu próprio imaginário que está impregnado por sua história, experiências passadas. Afirma Maria Souza (2014, p.33): “Os significados dos símbolos são cristalizados com base histórica no contexto e na cultura, e são determinantes na visão de mundo individual ou coletivamente”.

Por exemplo, no oriente as indumentárias e atributos se modificam, seguindo costumes e aspectos visuais que remetem às tendências orientais. Na China, essa mesma imagem é representada com olhos amendoados (com típico traço oriental), vestes mais

leves, rosto em formado arredondado seguindo a fisionomia da região e de seu povo, dominando um dragão (aqui o dragão representando o perigo e a maldade). Já na Europa, a imagem de Nossa Senhora é de uma mulher ocidental, caucasiana, com vestes longas e manto, pisando sobre a cabeça de uma serpente (aqui a serpente é representada como símbolo de perigo e de pecado). A comparação acontece para que haja identificação da imagem e seus símbolos devidamente adaptados à realidade de cada povo ou região onde surgem as imagens e simbologia religiosa, demonstrando o caráter social que permeia o estudo da construção imaginária. Porém, todas elas por mais que “pertencam” a culturas totalmente diferentes, podem até “reter” um “valor” parecido, aos olhos do indivíduo que aprecia.

Imaginário e Sentido

Na antiguidade, a respeito da relação entre o olhar para uma imagem e a ela dar um sentido Platão instaura a ideia de simulacro. Isso significava que a relação da imagem com seu objeto, neste caso, é uma representação e que está, ligada ao “mundo das ideias” é uma cópia da realidade apenas, ou seja, um mundo diferente em relação ao mundo da lógica, do mundo real. ⁴Deleuze apresenta reversão a essa fundamentação, pois, a fundamento da representação não deve ser considerado inferior, também está ligado ao conhecimento e é original – não uma simples “cópia” da superfície. Com o passar do tempo, sentimos cada vez mais a necessidade de esquecermos a institucionalização de sentidos por meio da cópia idêntica, da simetria e fidelidade ao que já “entendemos” como “real” em confronto com o “ideal”. Completamos com a explanação de Alessandro Carvalho Sales (2006), com seu dossiê (online) sobre Platão e os simulacros:

Nós os criamos, não há como não criá-los, embora provavelmente haja – se pesam negativamente – como abrandá- los, minimamente desmistificá-los ou desconstruí-los, diminuir-lhes os efeitos, mudar-lhes a fisionomia. Para tanto, existem inúmeras práticas, nenhuma exatamente simples, todas com suas condições e delicadezas, muitas não só inócuas, mas também opressoras e agravantes.

⁴ Gilles Deleuze (1925 a 1995): filósofo francês que se debruçou numa perspectiva Nietzscheana sobre o “platonismo”.

No mundo da contemplação ao “sagrado” isso não pode ser diferente. Tudo o que parece invisível, pode passar a ser visto. Mas mesmo assim, sabemos que não há como enxergarmos as coisas da mesma maneira, nem mesmo cores e formas. Assim, podemos compreender a apropriação estética: subjetiva que é, passando por todos os filtros, por todos os elementos inconscientemente apreendidos pelo sujeito, torna impossível reter o mesmo “valor” simbólico por todos. Exemplificamos com base na imagem fotográfica, com base na afirmação da semióloga portuguesa Maria Teresa Cruz: “Toda a imagem fotográfica mostra, também, sempre o seu ponto cego (a "quarta parede", como falavam os homens da perspectiva)”.

Podemos transpor essa reflexão na perspectiva das imagens religiosas. Tudo remete à viagem interior e à percepção na busca da própria fé. A maior parte das religiões ou propostas espirituais trabalha com símbolos e imagens (à exceção de parte dos evangélicos, que proíbem uso de imagens para não facilitar o acesso à interpretação simbólica já que a hierarquia nessa religião se apresenta de forma peculiar). Não devemos nos limitar à crença de que qualquer experiência estética seja substituída pelos conceitos e pelos estudos formais dos contornos e construções, somente ou simples cópias. Como exemplo, nos utilizaremos a afirmação de Maria Teresa Cruz que mantém, com afinco, sua perspectiva até mesmo em relação à tecnologia e o ciberespaço: “Sejam quais forem as transformações profundas, secretas, metafísicas, ou simplesmente imprevisíveis que estão em curso na aventura tecnológica da experiência moderna, poderemos pois estar certos de que não deixaremos de as sentir na pele”. Podemos olhar para uma imagem e perguntar a nós mesmos sobre o “invisível” em que ali habita. Assim, abrimos as portas ao processo de ⁵fruição e assim, amplificamos nossas próprias vozes.

O ato de nomear não pode extrapolar o fruir. Mais especificamente sobre o que pretende este estudo, a relação entre imagem e fé não pode se limitar à “religião”, mas deve estender à “religiosidade”, a fatia individual e sensorial de cada um, que permite atribuir seus próprios valores à imagem.

Discurso e O Pensamento Comunicacional

O que nos diferencia dos outros seres humanos é a habilidade de estabelecer comunicação é por meio da linguagem falada. Alguns tipos de linguagem permitem que

⁵ Fruição: aproveitar; usufruir.

se evite o “ruído” na comunicação e se estabeleça uma interação baseada na percepção e contextualização dos interlocutores. No entanto, quando discorremos sobre a linguagem falada na esfera dos estudos discursivos e de produção de sentido, mesmo assim, não fugimos à construção imagética que promove todo o processo de apropriação e compreensão de uma mensagem.

O conceito de discurso apresenta um amplo significado, partindo do pressuposto que está relacionado à atividade verbal, a enunciados e usos da linguagem, pode designar tanto um sistema que permite a criação de um conjunto de textos quanto o próprio conjunto de textos produzidos. Limitando-se, porém, à temática deste estudo, podemos afirmar que a noção de discurso se dá como um reflexo da modificação na forma em que se concebe a linguagem. Essa modificação, advinda de influências das ciências humanas, é denominada pragmática, constituída, em sua essência, como uma maneira de apreender a comunicação verbal. Por outras palavras, o próprio discurso. (MAINGUENEAU, online).

A partir daí, foram surgindo estudos que foram evoluindo e se transformando até a atualidade. De qualquer maneira, a linguagem falada não é a única forma de estabelecer um ato comunicacional. Ao que os estudos indicam, o sentido está ligado ao discurso, ou seja, o conteúdo; (aquilo o que é dito) não é a mensagem total. A mensagem só passa a ter sentido por meio do discurso. Desta forma, com base na forma como é transmitida. Num ato comunicacional, todos os participantes possuem uma intenção e para que esta seja consumada, é necessário que se utilizem dos recursos certos para tanto. Nesse processo, portanto, é fundamental que se perceba o universo dos interlocutores para que possamos filtrar nossos sinais e para que nos façamos ser compreendidos e até mesmo para podermos persuadir. O papel de um indivíduo na comunicação e em relação ao grupo que se comunica só é delimitado e compreendido por ele mesmo, com base nos outros papéis. Um universo só passa a existir a partir dos outros.

Segundo Maria Souza (2015, p.18): “O discurso forma o meio e também é construído por ele. Criamos nosso discurso a partir do que já vivemos, experimentamos, e adaptamos seus “textos” a fim de nos fazermos compreender e de persuadirmos nossos interlocutores”. Dizemos que o discurso é interpretado por inúmeros jogos imagéticos os elementos ideológicos são expressos por meio de imagens. Continua a autora: “No entanto, uma ação discursiva, seja ela realizada por um signo gestual, pela

fala, pela expressão facial, entre outras, não pode ser reproduzida de modo absolutamente fidedigno, pois o momento de expressão já é passado”. Ou seja, sinaliza que, ainda que tentemos imitar um conteúdo qualquer, com base no discurso (ou seja, na forma) que é único, inconsciente, peculiar e intransferível estão contidas ambiguidades, que denunciam a verdade.

Dominique Maingueneau, linguista francês aponta princípios do discurso, cabíveis a essa altura de nossa sessão: Ser uma forma de ação - uma enunciação constitui um ato visando modificar uma situação; ser uma organização situada para além da frase; ser orientado; ser interativo; ser contextualizado; ser assumido por um sujeito; ser regido por normas.

As imagens – como a fala – são canais de interação, pois com elas interagimos, a partir delas nos modificamos e à elas atribuímos sentidos. Neste caso, são como os textos a serem lidos, falas a serem ouvidas que trazem intenções não explícitas inaudíveis, mas perceptíveis; invisíveis, mas presentes. No caso de relações entre espiritualidade e religiosidade como cartas de tarô (embora não sejam postuladas como tal, mas levam esse peso) e imagens religiosas, as imagens podem comprovar facilmente a comunicação e o reflexo entre as mensagens simbólicas.

Eliseo Verón foi um sociólogo, antropólogo e semiólogo argentino, que buscou na linguística de Saussure, fundamentação para seus pensamentos ligados às ciências sociais e ligou seus estudos linguísticos aos estudos de ⁶Lévi-Strauss. Segundo Elizabeth M. Gonçalves (online), para o autor, a linguagem é: “o único tipo de conduta social cuja função primária é a comunicação e através desta função primária, o homem cumpre outras – percebe e atua sobre a realidade social”.

O autor estudou, dentre muitas outras relações, a importância do meio na manifestação das práticas sociais. “Verón mostra-se resistente à aceitação da ideia de “poder total” dos meios e prefere enxergá-los como fenômenos em si mesmos”, diz Elizabeth Gonçalves. E continua: “Seu olhar se volta para a “sociologia da ação” em que ideias que já foram institucionalizadas e sociedade se situa no indivíduo que as compreende”.

São inúmeras as relações travadas em um ato comunicacional, uma análise-embora fundamental e eficaz- possui muitos filtros que nos faz observar a riqueza de elementos que são travados nesse momento de observação e de percepção. Nesse jogo:

⁶ Claude Lévi-Strauss (1908 a 2009): antropólogo, professor e filósofo francês.

(a) Todos os sujeitos buscam projetar uma imagem que não necessariamente condiz com (b) a imagem que transmite. Esta é (c) “lida” por todos os participantes com seus (d) próprios filtros, o que significa que será vista de forma peculiar por cada um que buscará seus próprios recursos para que a emissão de suas ideias (baseadas na recepção das ideias de outros) passe pelo mesmo processo. Como podemos esperar que diante de tantas ⁷“vozes” e filtros haja uma compreensão de um assunto ou objeto para fazer vingar o ato comunicacional? Pela identidade de signos e pela percepção e compreensão sobre o que o discurso pode sinalizar e a que convenções podem estar associados.

Para o autor, se considerarmos construções hipotéticas, na tentativa de estudarmos a ação social do ponto de vista do ator é necessário supor uma “teoria dos signos ou dos fenômenos de significação”, modelos dos processos de significação para aí então elaborarmos tipologias de orientações, expectativas, etc.

Ou seja, o signo não é pleno, dependendo assim do sentido que a ele é atribuído pelo sistema de ideias: entidades observáveis e perfeitamente distinguíveis da ‘ação social dessas comunidades’. No entanto, esse sistema de ideias não se dá de maneira aleatória ou se conceitua em arcabouço abstrato, “ideal” e inconsistente. Em algum nível desse processo de apropriação essa compreensão é ‘normativa’, pode ser analisada e tem base sólida tanto por quem exerce quanto por quem observa a todos esses fenômenos.

Do Objeto

As cartas de Tarô costumam ter símbolos semelhantes, mudando apenas o ilustrador ou desenhista. Na carta utilizada para demonstração, a Sacerdotisa ou Papisa, os símbolos comuns são: mulher adulta sentada num trono, com roupas sacerdotais e/ou fechadas, segurando livro ou chave nas mãos. O critério de escolha foi a popularidade da carta, bem como a definição da imagem e a semelhança à outra imagem com a qual traçaremos um paralelo.

Nossa Senhora das Graças é uma das formas dadas às várias aparições da virgem Maria de Nazaré (mãe de Jesus), em que creem os católicos. A imagem escolhida

⁷ “Vozes” está ligado ao conceito de “polifonia”, do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, a presença de várias vozes que formam uma harmonia; presença de um texto inserido em outro texto. Similar à ideia de polifonia musical.

também apresenta boa definição e é facilmente encontrada em nichos de artigos católicos.

Da Análise

Embora a análise de discurso não possa nem deva ser suposições ou consideradas vagas, sem embasamento científico é difícil não nos colocarmos em posição de quem julga. Ou até mesmo, podemos dizer que é impossível nos distanciarmos de nossos próprios filtros no momento de observação. Buscamos atingir esse equilíbrio nesse trabalho pela fidelidade da observação dos detalhes; nas direções, sinalizações e indicações abrindo a possibilidade para diversas interpretações. Não buscamos, portanto, postular ou estabelecer verdades absolutas, o que seria uma tentativa infiel aos estudos científicos que acompanham a transformação humana, a evolução dos seres e busca promover a reflexão e a discussão.

A linguagem corporal vem sendo estudada especialmente por disciplinas ligadas ao comportamento; à liderança; psicologia; propaganda; publicidade e marketing. Algumas obras ligadas especificamente ao assunto podem auxiliar para que ampliemos nossos olhares.

Allan e Barbara Pease (2005) em sua obra: Desvendando os segredos da linguagem corporal, baseada em estudos estadounidenses, indicam inúmeros sinais e possibilidades, tais como:

- Mãos espalmadas podem expressar: verdade; autoridade sem ferir.
- Mãos viradas para baixo: autoridade, relacionado à arrogância (os autores nos lembram do gesto de Hitler).
- Boca caída: infelicidade; desânimo; depressão; negatividade.
- Cruzar os braços: podem indicar negação; distanciamento; pouca abertura às relações humanas; pouco envolvimento.

Nicholas Boothman, autor de best-selleres e mestre em ⁸PLN (programação neurolinguística), em sua obra: Como convencer alguém em 90 segundos (2012), dentre

⁸ Programação neurolinguística: criada por Richard Bandler e John Grinder, respectivamente: matemático, programador de computadores e linguista, é um estudo de hábitos e comportamentos, ligados às emoções a que estamos programados mentalmente. Busca o reconhecimento desses hábitos e a substituição por outros que possam gerar bem estar e superação de sensações ou acontecimentos traumáticos do passado.

muitos, aponta que para mostrar-se receptivo são necessários “ braços e pernas descruzados, olhos na direção da pessoa, bom contato visual, sorriso, caminhada e postura eretas, inclinação para a frente, ombros flexíveis e aura relaxada”.

Na *psicologia das cores*, as cores quentes trazem sensação de calor e de acolhimento, enquanto que as cores frias podem imprimir sensações de leveza, distancia e calma. No estudo das sensações ⁹acromáticas, o branco é o símbolo da luz e pode – dentre outros elementos – simbolizar pureza; alma; divindade; infância; batismo e casamento. O preto, por sua vez, morte; coisas escondidas; tristeza; melancolia; dor; renúncia. No caso das sensações ¹⁰cromáticas, o azul pode simbolizar: frio; céu; águas tranquilas; feminilidade; verdade; afeto; paz; serenidade; infinito; fidelidade e sentimento profundo.

¹¹Lüscher, um dos mais importantes estudiosos da psicologia das cores, chegou aos seguintes indicativos: a) azul é, predominantemente, uma cor que pode acalmar; o azul escuro simboliza amplitude e profundidade de sentimento; satisfação; tradição; maior foco no passado e o preto está ligado aos sentimentos negativos; “ir contra o destino”; renúncia – dentre outros-.

As leituras e fragmentos escolhidos para compor esse trabalho foram escolhidos pelo critério de sua presença nas imagens a serem analisadas e de forma a enriquecer nossa observação e não como uma forma de interpretação determinante das imagens. Também não pretendemos limitar o trabalho dos autores aqui mencionados. É importante que saibamos que esses são trechos extraídos e selecionados pelas autoras desse artigo. As informações são extensas e numerosas se adentrarmos às obras. Da mesma maneira, na análise a ser realizada a seguir, ao lado direito da tabela inserimos indicativos e interpretações possíveis de serem feitas, não pretendemos fechar o debate, mas sim instaurá-lo.

Da Primeira Figura

Vestis longas e fechadas	Discrição; fechamento; contenção.
Vestis de baixo brancas	Pureza.

⁹ Acromático: relativo à ausência de cores e semitons.

¹⁰ Cromático: relativo à presença de cores e semitons.

¹¹ Max Lüscher: Psicólogo, psiquiatra e filósofo suíço, pioneiro em psicologia das cores.

Vestis sobrepostas azuis	Discrição; proteção.
Vestis amarradas ao meio (cintura)	Equilíbrio; proporção; simetria.
Mãos com palmas escondidas	Destacando a importância do pergaminho; firmeza; segurança.
Pergaminho fechado	Conhecimento não revelado.
Olhar direto não centralizado, para baixo, à direita	Reflexão; comedimento; “olha por nós”.
Símbolos lunares	Gênero feminino.
Lua sobre a cabeça	Autoridade espiritual.
Sobrancelhas cantos externos elevados e internos baixos	Seriedade; responsabilidade; tensão; rigidez.
Boca fechada	Silêncio.
Boca - cantos externos virados para baixo	Rigidez; seriedade; tensão.
Cabelos pretos	
Posição sentada	Passividade.
Cenário terrestre	O momento presente; a experiência da vida.
Cor preta	Mistério.
Cor branca	Luz; iluminação.
Cor dourada	Intelecto.
Cor azul	Conforto.
Pés ausentes	Falta de apego ao mundo material.

Outras Observações

De forma geral, apresenta atributos reflexivos, devocionais, comprometidos e discretos. Por conta do destaque que dá ao pergaminho, está mais ligada à razão e à capacidade intelectual.

O pergaminho fechado como um símbolo de conhecimento não revelado também pode estar ligado ao desvendar incerto da vida.

Seu olhar pode, também, estar sugerindo um afastamento da posição de julgadora e/ou desafiadora.

Símbolos lunares, no campo de estudo do Tarô, estão ligados ao gênero feminino.

Seu olhar (e suas características) combinado com a boca cerrada também podem estar relacionados à meditação e indicam: foco; assertividade; reflexão; um olhar para o interior.

Seu olhar para baixo em combinação com o cenário terrestre (em contrapartida com símbolos lunares) pode se assemelhar à imagem de Nossa Senhora (analisada mais adiante), mas congruentemente, com as diferenças necessárias pela segunda estar “no céu” (que simboliza o paraíso) e a papisa na terra; uma simboliza espírito e a outra, intelecto. Respectivamente: uma promessa (da vida eterna) e a sabedoria aplicada nas experiências da vida. Aprofundando, ainda mais, essas reflexões ao caso da imagem da papisa, podemos compreender até por conta da presença da cor preta em seus cabelos e no cenário, que o mistério e que a “inquietação” não deixam de existir, no agora, mas há como lidar com eles, por meio da sabedoria. Se ligarmos toda essa reflexão à presença da cor branca (que ilumina), podemos parafrasear essa última linha com uma metáfora: “é a partir das trevas que conhecemos a luz” e vice-versa.

A falta dos pés na figura pode significar incertezas existentes no mundo, na vida e a falta de raízes, ou seja, o “estar a transitar” entre o mundo das ideias e o terrestre; entre o “visível e ou invisível”.

Da Segunda Figura

Vestes longas e fechadas	Discrição; fechamento; contenção.
Vestes de baixo brancas	Pureza, imaculada.
Vestes sobrepostas azuis	Discrição; proteção.
Vestes amarradas ao meio (cintura)	Equilíbrio; proporção; simetria.
Mãos paralelas com palmas para cima e à mostra	Poder; capacidade de direcionamento.
Mãos à mostra paralelas apontando direções opostas	Acessibilidade de comunicação; acolhimento do todo e de todos.
Raios saindo das mãos	Conhecimento não revelado.
Olhar direto não centralizado, para baixo,	Observa quem está “abaixo”; estado de

à esquerda	compromisso.
Símbolos lunares	Gênero feminino.
Lua sob seus pés e estrelas sobre a cabeça.	Autoridade espiritual; respeito à natureza cíclica; o feminino como forma de conhecimento.
Sobrancelhas retas.	Simplicidade; naturalidade; bondade.
Boca fechada	Silêncio.
Boca – leve propensão a erguer os cantos externos	Possibilidade de sorriso; empatia.
Cabelos dourados	
Posição em pé	Pertencimento ao plano espiritual.
Cenário celestial com nuvens	Mundo espiritual; infinito; ilimitado.
Cor preta	Mistério.
Cor branca	Luz; iluminação.
Cor dourada	Intelecto.
Cor azul	Conforto.
Pés paralelos e apontando aos dois lados opostos	Movimento; acessibilidade a tudo e a todos.

Outras Observações

Em relação à imagem anterior, a presença da cor preta é bem menor, mas não se pode negar que não haja “sombras” em suas vestes. Essa imagem tem a pretensão de expressar uma promessa harmoniosa, o merecimento da calma em que poderemos nos emergir nas profundezas do azul do céu e de um “final feliz”, após uma vida “sombra” vivida da Terra. O destaque aqui não está nas experiências terrenas e nas buscas que aqui fazemos, mas no resultado que é a vida eterna, o fim que significa o começo. Esse último conceito tão bem expressado na tentativa de falta de delimitação do cenário e profundidade.

Nossa Senhora também dirige seu olhar para baixo, como quem olha a alguma coisa e embora esteja virada para o lado esquerdo, possui raios que saem das duas mãos espalmadas e viradas para cima, o que pode demonstrar uma intenção de interação com

todos os lados. As palmas viradas para fora pode significar acessibilidade interpessoal, humildade e contato.

Juntamente com o cenário a imagem de Nossa Senhora, neste caso, indica uma promessa, o que nos leva a pensar no “futuro”. Uma promessa de acolhimento; da paz; do paraíso; da vida eterna; de um “final feliz”, em congruência com o que prega o catolicismo.

Considerações

Ambas as imagens possuem a mesma força de expressão: reflexão, entendimento, profundidade, feminilidade, passividade, conhecimento, serenidade, observação e consciência. Como dito anteriormente, os tarôs clássicos e modernos costumam seguir uma cadeia simbólica semelhante, a fim de mostrar cada aspecto importante contido na carta com nitidez e fidelidade. Também indicam acessibilidade comunicacional, mas com direções diferentes. A Nossa Senhora das Graças apresenta abertura ao ato comunicacional com as pessoas do plano terrestre, pois olha para elas, direciona as mãos com humildade e os pés também. Já, a Papisa, trava um ato comunicacional com as informações contidas no pergaminho, mesmo que não as esteja lendo, mas sua postura reflexiva denota o ato cíclico que é o comunicar-se, ou seja, a interação ao mesmo tempo promovida e estabelecida.

Da mesma forma que a imagem simbólica feminina se reflete em diversos segmentos religiosos e/ou espirituais, a representação da autoridade religiosa também encontra semelhanças na história.

Nas imagens, cores, postura, idade, atitude, vestes e coroas são semelhantes, pois remetem a uma mesma simbologia. A partir daí, creditar mais uma imagem em relação à outra, seria afirmar de maneira desigual, uma mesma mensagem, apenas, pela sua procedência ou seu conhecimento público. No entanto, por mais que notemos de antemão cores e representações semelhantes. Ao nos aprofundarmos, entretanto, percebemos divergências. O “invisível” aparece aqui quando procuramos a partir das semelhanças mais aparentes, extrair divergências e oposição. No caso, há muita possibilidade de a carta do tarô indicar mais introspecção e intelectualidade do que a segunda, que traz aparentemente, uma carga maior de espiritualidade (o que não quer dizer que todos os elementos mencionados não estejam presentes. Apenas, o que destacamos casos que aparecem em maior ou em menor escala). A segunda denota mais

leveza do que a primeira que é mais densa. Até mesmo porque, respectivamente, estão localizadas no céu e na terra; no etéreo e no sólido. O que as aproximam, neste sentido, é que ambas abrem mão aos estímulos materiais. Esta, também, realça mais as cores escuras, remetendo mais às profundezas em relação à segunda o que nos faz perceber que a papisa, que está mais ligada ao (auto) conhecimento e ao que está escondido, à sabedoria em relação às experiências vividas e administração das incertezas, uma vez em que no conhecimento e na razão não há verdades absolutas, mas um refletir constante e interminável. Enquanto que, no exercício da fé, a dúvida exclui a fidelidade à religiosidade.

Os sinais que diferenciam uma imagem da outra seriam –em grande parte– neutralizados se em nenhum dos casos existissem padrões de um segmento religioso. Embora o tarô não seja uma prática espiritual ou religiosa, a prática da leitura procurada pelo público, pode ser interpretada como uma prática ligada ao sobrenatural (dentre outros fatores) também por semelhanças vistas (consciente e inconscientemente) nas imagens das cartas e o que esses elementos podem representar.

REFERÊNCIAS

BOOTHMAN, Nicholas. **Como convencer alguém em 90 segundos**. São Paulo, Universo dos Livros, 2012.

CRUZ, Maria T. **História da arte: teoria da imagem e representação**. Online. Disponível em: << historiadaarte.no.sapo.pt/tir.doc>>. Acesso em: 23-jun-2015.

CRUZ, Maria T. **Sensibilidade artificial**. Online. Disponível em: << <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cruz-teresa-sensibilidade-artificial.pdf>>>. Acesso em: 23-jun-2015.

CAMPBELL, Joseph. **Mito e transformação**. São Paulo, Editora Ágora, 2004.

FIGURA 1: **Arcano Maior: Papisa**. Online. Disponível em : << http://pu.i.wp.pl/?k=MzAyNzE2NjAsMjMzNDE2&f=02_Major_Priestess.jpg>>. Acesso em: 1º-jun-2015.

FIGURA 2: **Imagem de Nossa Senhora das Graças**. Online. Disponível em: << <https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Fperlbal.hi-pi.com%2Fblog-imagens%2F581031%2Fgd%2F136054362095%2FNOSSA-SENHORA-DAS-GRACAS-NOS->>>

AJUDA-E-NOS-ENSINA-OS-CAMINHOS-SANTOS-DE-TEU-FILHO-JESUS.jpg&ei=5bK7VaXWOIenwgSCnojoBA&psig=AFQjCNHRMPnZe5LMRIcDLBRYpUpM-FUQoA&ust=1438450790272629>>. Acesso em: 1º-jun-2015.

FREITAS, Ana K.M. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. Online. Disponível em: << http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf>>. Acesso em: 30-jun-2015.

GONÇALVES, Elizabeth M. **O pensamento comunicacional de Eliseo Verón**. Online. Disponível em: << <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/perfis%209-1.htm>>>. Acesso em 1º-jul-2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Online. Disponível em: << <http://imagemcomunicacao2008.blogspot.com.br/2009/05/resumo-de-parte-do-texto-de-dominique.html>>>. Acesso em: 15-mai-2015.

PEASE, ALLAN & Barbara. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2005.

SALES, Alessandro C. **Platão e o simulacro: a perspectiva de Deleuze**. Online. Disponível em: << <http://www.editora.ufrj.br/revistas/humanasesociais/rch/rch28n1-2/1-8.pdf>>>. Acesso em 20-jul-2015.

SOUZA, Maria T.M. de. **Construções Imaginárias no contexto de um fenômeno musical de massa: o caso do cantor Michel Teló**. 2015. 145p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2015.

Apêndice

Figura 1: A papisa.



Fonte:
http://pu.i.wp.pl/?k=MzAyNzE2NjAsMjMzNDE2&f=02_Major_Priestess.jpg

Figura 2: Nossa Senhora



Fonte:
<https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=&url=http%3A%2F%2Fperibal.hi-pi.com%2Fblog-images%2F581031%2Fgd%2F136054362095%2FNOSSA-SENHORA-DAS-GRACAS-NOS-AJUDA-E-NOS-ENSINA-OS-CAMINHOS-SANTOS-DE-TEU-FILHO-JESUS.jpg&ei=5bK7VaXWOIenwgSCnojoBA&psig=AFQjCNHRMPnZe5LMRIcDLBRYpUpM-FUQoA&ust=1438450790272629>

